



Três noites em Sampa

Primeiro foi o Skank no Olímpia (ou será Olympia?), abarrotado de gente, sexta e sábado, no show *Cosmotron*. O Skank é irrepreensível no palco. Semana passada falei um pouco do disco novo, que é excelente. Nove músicas deste disco estão no show. O Skank vai mandando arrasa-quarteirões para a loucura geral, e no meio disso apresenta canções preciosas, como *Dois Rios*, *As Noites*, *Formato Mínimo*. A platéia é convidada a ouvir e atende. O show mistura curtição geral e conteúdo, o melhor de dois mundos.

Domingo assisti ao show *Clássicos*, do Uakti, no Sesc Vila Mariana. Tocaram também na sexta e no sábado. Vocês já viram o show aqui em BH. Eu não havia visto. O Uakti continua o mesmo. A mesma magia, a mesma genialidade. No repertório Bach, Mozart, Ravel, Debussy, Stravinsky... No palco três músicos – Paulo, Artur, Décio – num outro espaço, chamado música. Este espaço, de arquitetura móvel, in-sólida, porém nítida, vai se mostrando através da devoção e da maestria dos três. Na platéia todos parecem compartilhar um segredo de indizível delicadeza. Presente também em cada instrumento, em cada arranjo, o músico-inventor Marco Antônio Guimarães. O Uakti é uma grande síntese, a síntese eficiente de tudo. Ocidente-Oriente, Erudito-Popular, Tradição-Vanguarda, Altura-Timbre, Som-Ruído, Melodia-Ritmo, Corpo-Espírito, Passado-Futuro.

Museu Clube da Esquina

Chamados por Márcio Borges lá fomos todos ao Bar Brasil iniciar os trabalhos para fundação do museu. Entre os trabalhos, claro, dar conta de umas cervejas. No final, por aclamação geral, quase todos os quadros da diretoria foram preenchidos. Ganhamos uma carteirinha: Associação dos Amigos do

Depois da criação de uma música genial, inovadora no planeta e revolucionária no Brasil, seus atores vêm-se diante da inevitável responsabilidade de organizar o acervo de sua obra

Museu Clube da Esquina, com a foto da capa do disco de 72 em cores, aquela dos dois meninos assentados, que a gente teima em achar que são Milton e Lô na infância.

Depois da criação de uma música genial, inovadora no planeta, revolucionária no Brasil, sobre a qual poderíamos preencher não só esta coluna, mas todo o caderno cultural, de comentários e elogios, seus atores vêm-se diante da inevitável responsabilidade de organizar o acervo de sua obra, de encaminhar com todo o carinho sua herança para o futuro. Traço de uma

consciência mineira que, na história de nossas realizações, nem sempre foi seguido.

Na música todos poderemos fazer melhor.

Como diz um samba de Cartola, artista de outros mananciais, “Continuam nossas lutas/ podam-se os galhos, colhem-se as frutas/ e outra vez se semeia/ e no fim deste labor/ surge outro compositor/ com o mesmo sangue nas veias”.

Pintura etc.

Há beleza demais no mundo, disse Jorge Luis Borges, depois repetido pelo jovem com a câmera de vídeo em *Beleza Americana*. A sensibilidade deve esfriar um pouco, como rede elétrica que se desarma ao receber uma forte descarga, do contrário morreríamos extasiados em poucos dias. Por isso um bebê dorme tanto. Todos já viram um agitando braços e pernas, os olhos arregalados, boquiaberto, indefeso diante da opressão do belo. Claro que escrevo tudo isso porque tem gente que pensa que a beleza já está morta há muito tempo. Se você for na exposição de Ivan Marchetti, na Estácio de Sá, no Prado, verá que não é assim. Ivan, como Borges, não cai em armadilhas vanguardistas. Procura a outra voz. Usa a figura, o desenho, a composição, a tela – afinal os limites servem para maior impulso, já dizia Stravinsky –, mas a ousadia da cor, com suas vibrações, com sua textura, e, acima de tudo, com a luz única da emoção, nos diz: não, tudo isso é novo, você nunca havia passado por aqui.